



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

EM UM ETERNO FLANAR: ANA CRISTINA CESAR E A POÉTICA PELA BUSCA DAS IDENTIDADES PERDIDAS

Isamayra Junqueira de Lima¹

1. Introdução

Estamos imersos em discursos. Muitas vozes e sons configuram nossa forma de ver e existir na era moderna. Nada mais é considerado algo de própria produção. A influência que outras obras geram exercem poder em nossas mentes. Mas, no entanto, vamos nos ater a grandes poetas, aqueles que fazem os dias serem mais felizes ou mais angustiantes conforme aquilo que procuramos. É concebível pensar que, os poetas se comunicam com outro mundo, um lugar cujas portas estão abertas somente para eles e mais ninguém. Um grupo seletivo de moradores de um lugar inacessível.

Influenciados por gerações, sua poética carrega traços de outros, linguagens que trilham caminhos diferentes mas que em algum momento do percurso se cruzam. Vozes e escritas similares, é como se alma do poeta reconhecesse no outro a sua própria. “Baudelaire queixava-se de ter encontrado em Poe, escritas vinte anos antes, frases suas! O próprio Deus não foi capaz de criar o homem diferente de sua imagem” (HANCIAU, 2010, p.57).

É sempre mais prático qualificar o desconhecido como sendo algo não muito agradável aos olhares acostumados a mesmice, cotidianidade monótona e vazia, um mundo sem emoção, que, somente aqueles que flutuam no espaço pode vislumbrar a rara beleza do mundo. Nem sempre o que nos cercam é belo, a captação de uma realidade por demais angustiante dilacera o ser humano, tortura lentamente sem piedade. O próprio ato de existir é um flagelo. “Ser” é o conceito mais universal e mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição”. (HEIDEGGER, 2014, p.37)

Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade na Universidade Federal do Acre (UFAC)
Email: isamayrajunqueira@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Eis portanto, o momento da libertação, do se dar a conhecer através do olhar analisador e visceral do poeta. Aquele que mais desmitifica a própria existência e torna a nossa cheia de significados nunca antes percebidos. “Nenhum escritor começa do nada” (HANCIAU, 2010, p.56), e assim pensando vamos percorrendo os preâmbulos do nascer de uma poética voraz, caçadora de leitores que se identifiquem com aquilo que nos é apresentado. É chegada a hora de subir ao palco e apresentar seu talento. Talento este que choca, emociona, faz rir, ter acessos de fúria e medo. Isso é poesia, é sentir-se livre e ao mesmo tempo aprisionado por correntes invisíveis. O pior é quando esse show precisa ser interrompido por circunstâncias nem sempre aceitáveis.

2. Carrossel de emoções

Quando lembramos da poesia dos séculos XIX, somos sobrecarregados de emoções conflituosas e de amores não correspondidos. Como não lembrar das musas de Álvares de Azevedo, do patriotismo de Gonçalves Dias, da luta contra a escravidão de Castro Alves, dos sentidos delirantes de Cruz e Souza e outros que tanto embelezaram a literatura brasileira com seus fabulosos versos carregados de sentimentos, dores, ilusões e exaltação.

O poeta sempre foi um ser ambíguo. Ele era aquilo que todos menos desejavam e ao mesmo tempo o único capaz de transmitir sentimentos íntimos que pela moral e bons costumes não era adequado confessar. Ele era um Ser que se metamorfoseava no que quisesse.

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente
(Fernando Pessoa)

As emoções estavam sempre em conflito, ora por um amor não correspondido, ora por coisas do cotidiano que o sufocavam e faziam a existência ser um pesadelo. A dor interior castigava o poeta, a sensação era de estar neste



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

mulher que teve boas oportunidades na vida, foi aquilo que ao que tudo indicava nasceu para ser: uma caminhante das letras.

Dona de uma linguagem singular, a poeta consagrou-se com poesias que falava de música, sentimentos, saudade, busca de uma identidade. Adepta consciente do flunar (passear ociosamente, perder-se por caminhos ermos), Ana Cristina captava o caos mundano como um sensor, podemos até pensar que possuía antenas especiais que lhe transmitia os sinais certos, que, conseqüentemente davam inspirações para escrever, se confessar e não perceber aos seus leitores.

Mais do que nunca, as cidades convocam todos os sentidos: com seus cheiros, barulhos e apelos visuais elas existem como corpo pulsante que podemos tocar – ainda que sob o signo do provisório e do fragmentado – e que nos toca, surpreendo-nos com sua imprevisibilidade, criadora de sentidos inusitados. Reinventando-se sem cessar, constituem muitas vezes um convite para nossas próprias desleituras identitárias, fruto das profundas transformações de nossas relações com o espaço. Em função das metamorfoses do olhar decorrentes da pós modernidade, surgiram outras formas de se apreender as cidades e outros modos de percorrê-las. (PORTO, 2010, p.71)

Com uma poesia singular, Ana Cristina Cesar seduzia seus leitores com uma poesia cotidiana e sentimental, “essências são as estruturas que se mantêm ontologicamente determinantes em todo modo de ser da presença fática” (HEIDEGGER, 2014, p.54). De modo literal, enxergamos em suas palavras algo visceral.

Olho muito tempo o corpo de um poema
Até perder de vista o que não seja corpo
E sentir separado dentre os dentes
Um filete de sangue
Nas gengivas

(Cesar, 2013, p.19)

Vivendo de si e para si, Ana Cristina demarca um olhar observador, que analisa os sujeitos ao seu redor, aqueles que caminham rumo a um lugar determinado, mas que ao melhor analisar, mesmo que se tenha certeza de para onde caminham, podem aparentar incertezas, são contudo informações ambulantes, seres fadados a serem observados e analisados, o que ocorre aqui é o



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“enfrentamento abstrato da sociedade com o indivíduo”. (JAUSS, 1979, p.51). Captando sentimentos, Ana Cristina encontrava a sua inspiração, o deleite primordial para produzir o belo e ao mesmo tempo o ócio. É nas grandes cidades que se encontra o papel em branco pronto para ser preenchido com palavras. “Nos movimentos incessantes de suas vias e artérias, as metrópoles produzem fluxos incessantes e multiformes que percorrem metaforicamente as veias de quem as elegeram com corpos vivos em sintonia com seus próprios corpos”. (PORTO, 2010, p.73)

Os navios fazem figura no ar
Escapam as cores – os faunos.
Os corpos dos bombeiros bailam
No brilho dos meus pés.
Do cais morde
Impaciente
A mão imersa
Nos faróis.

(Cesar, 2013, p.29)

Com uma poesia marcada por um traço considerado marginal na década de 70, Ana Cristina Cesar costumava escrever como forma de libertação, de expressar suas dúvidas perante a vida diante de uma sociedade que estava em busca de sua própria supremacia identitária. “A presença sempre dispõe de uma rica e variada interpretação de si mesma, á medida que uma compreensão de ser não apenas lhe pertence, como já se formou ou deformou em cada um de seus modos de ser (HEIDEGGER, 2014, p.53).

Seduzindo o leitor com uma poesia que ora alcança o coração sentimental, ora a razão, somos embalados por versos cáusticos e intimistas que nos causam vertigens, simplesmente por imediatamente sofreremos os efeitos de algo tão poderoso.

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção do seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva (JAUSS, 1979, p.46)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Pronta para entrar em cena a qualquer momento, sem pestanejar ao encontrar um espaço onde sua obra possa fluir Ana Cristina abraça a existência com braços poderosos, mas tal força as vezes não parece ser suficiente para manter a sanidade e alcançar a plenitude. O Ser é muito mais do que o fato de apenas existir, haja vista que, “por vivermos sempre numa compreensão de ser e o sentido de ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridade, demonstra-se a necessidade de princípio de se retomar a questão sobre o sentido de ‘ser” (HEIDEGGER, 2014, p.39)

Intratável
Não quero mais pôr poemas no papel
Nem dar a conhecer minha ternura.
Faço ar de dura,
Não pergunto
“da sombra daquele beijo
Que farei?”
É inútil
Ficar á escuta
Ou manobrar a lupa
Da adivinhação.
Dito isto
O livro de cabeceira cai no chão.
Tua mão que desliza
Distraidamente?
Sobre minha mão.
(CESAR, 2013, p.106)

A bordo do navio de suas palavras, ficamos completamente sufocados por pensamentos íntimos e um olhar observador, próprio de uma flânerie consciente. A rua, o bar, o quarto, as músicas eram seu recanto. Era exatamente dessas coisas que extraia suas inspirações, o vai e vem das pessoas transmitem informações, constantes e, os transeuntes sequer se dão conta de que estão sendo objeto de análise, fonte inesgotável de emoções e sentidos.

Esse estado de ebridade só ocorre em meio á multidão. É o habitat do *flâneur*, é o lugar onde ele se sente em casa, pois familiarizar-se com tudo é mais que um prazer, um vício. É seduzido pelo fato de poder caminhar entre as pessoas e nunca ver o mesmo rosto duas vezes. Para esse observador, causa prazer buscar domicílio no inconstante, no fugidio e no infinito (BORDINI & BERND, 2010, p.213)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

despertar das próprias paixões do prazer estético da identificação com ações ou sofrimentos alheios e no alívio pela descarga relaxante” (JAUSS, 1979, p.79).

Noite de Natal
Estou bonita que é um desperdício.
Não sinto nada
Não sinto nada, mamãe
Esqueci
Menti de dia
Antigamente eu sabia escrever
Hoje beijo os pacientes na entrada e na saída
Com desvelo técnico.
Freud e eu brigamos muito.
Irene no céu desmente: deixou de
Tregar aos 45 anos
Entretanto sou moça
Estreando um bico fino que anda feio,
Pisa mais que deve,
Me leva indesejável para perto das
Botas pretas
Pudera

(CESAR, 2013, p.22)

Ao nos confrontarmos com a beleza que levita e pela luz que ofusca nossos olhos, a poesia de Ana Cristina Cesar aborda muito mais do que plenitude e uma alma em dúvida, adentramos no mundo das identidades fugidias, aquelas que parecem nunca encontrar seu real lugar de pertença. Com suas poesias nos lembramos nos assaltam memórias sobre nós mesmos há muito esquecidas e que tenta a todo custo encontrar o verdadeiro sentido do existir. Que o encontro entre o Eu e o Outro possa acontecer o mais rápido possível.

